

Gênero e Ensino de História Medieval: Uma Análise da Historiografia Brasileira Contemporânea

Gender and Teaching Medieval History: An Analysis of Contemporary Brazilian Historiography

Ana Vitória Vieira

Artigo recebido em 23 de março de 2023

Artigo aceito em 12 de junho de 2023

Resumo: Após a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), houve um crescente interesse de estudiosos brasileiros de História Medieval no contexto do ensino escolar, especialmente sobre o conceito de gênero. Este estudo visa examinar como a historiografia contemporânea do Brasil incorporou essa discussão no Ensino de História Medieval, à luz do conceito de gênero.

Palavra-chave: Ensino de História Medieval. Gênero. Medievo. Mulheres medievais.

Abstract: After the approval of The National Common Core Curriculum (BNCC), there was a growing interest of Brazilian scholars of Medieval History in the context of school teaching, especially on the concept of gender. This study aims to examine how contemporary Brazilian historiography incorporated this discussion into Medieval History Teaching, in the light of the concept of gender.

Keyword: Teaching of Medieval History. Gender. Medieval. Medieval women.

1 A BNCC E AS PRODUÇÕES HISTORIOGRÁFICAS BRASILEIRAS

Em 2017, a ideia de ampliar a visibilidade feminina na História foi adotada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os conteúdos envolvendo a Antiguidade e o Medievo. Pautada em dois eixos principais, dividiu o estudo do período medieval em “Lógicas de organização política” e “Trabalho e formas de organização social e cultural”. Nesse segundo tópico, orientou-se ao professor que abordasse “O papel da mulher na Grécia e em Roma, e no período medieval”. Ao fazer isso, o docente deveria desenvolver nos estudantes a habilidade EF06HI19, que consiste em “descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais” (BRASIL, 2018, p. 420).

Com a publicação da BNCC, diversos livros didáticos começaram a adicionar personagens femininas. Essa inserção, por diversas vezes, foi

equivocada ou limitada, mantendo a mulher no mesmo papel: abadessa, freira, bruxa, feiticeira, prostituta ou coadjuvante nos feitos masculinos. A historiografia logo percebeu esse movimento e se interessou em investigar tal fenômeno, produzindo artigos, livros, dissertações e teses que discutiam questões de gênero nos manuais escolares.

Foram justamente essas publicações que chamaram a nossa atenção. Com base nisso, este trabalho visa investigar os estudos de gênero nas publicações historiográficas brasileiras contemporâneas. Nossa questão central é: como a historiografia tem discutido a representação das mulheres medievais nos livros didáticos e como as publicações se propõem a pensar as questões de gênero e a História Medieval representada nesses manuais escolares? Em outras palavras, ela tem problematizado as figuras femininas dispostas nos livros, à luz de qual conceito de gênero? Acreditamos que esse tipo de discussão seja recente, restrito e, em alguns casos, carente de rigor teórico- metodológico. Por isso, consideramos seu estudo tão valioso, pois revela o quanto ainda precisamos ampliar nossas concepções teóricas, a fim de desenvolvermos um ensino de História Medieval, de fato, crítico, reflexivo e diverso, em que se observem os lugares teoricamente fixos nos quais, muitas vezes, as mulheres foram reduzidas (ZABARTO, 2015).

Com isso, passamos a buscar como as produções acadêmicas problematizavam as figuras femininas dispostas nos livros didáticos à luz do conceito de gênero. Para tanto, fizemos um levantamento nas bases de dados *Google Acadêmico*, *Guia Medieval*, *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* (BDTD) e *Revista ABREM*. O levantamento foi realizado a partir das palavras-chave: “mulher livro didático Idade Média”; “mulher livro didático História Medieval”; “representações femininas Idade Média livro didático História”; “representações femininas 6º ano livro didático História” e “mulher BNCC História Idade Média”.

A princípio, não houve um recorte temporal estabelecido, pois o intuito era coletar todos os trabalhos que abordassem o tema em questão, sem intenção de limitar a pesquisa. Ao longo do levantamento, o recorte se mostrou ainda menos

importante, tendo em vista que, de forma geral, há uma escassez de trabalhos elaborados em qualquer período, com um aumento só a partir de 2017. Ao final do levantamento, realizou-se uma seleção das publicações que debatiam Gênero no Ensino de História Medieval, excluindo, assim, trabalhos com conteúdo mais geral que, embora possam dizer em alguns casos sobre a situação das mulheres no mundo medieval, não se preocupa em situá-las nos debates do ensino de história medieval. No total, restaram 13 obras, expostas no Quadro 5:

Título	Autor(es/as)	Data de Publicação	Base
<i>A História Medieval e a formação para a Alteridade: uma análise dos livros didáticos de História do PNLD 2020 para o Ensino Fundamental</i>	Jefferson Joacir Kuzskowski	2022	Google Acadêmico
<i>Pelo pão de cada dia: Mulheres Medievais, Trabalho e Ensino de História</i>	Mariana Bonat Trevisan e Douglas Mota Xavier de Lima	2022	Google Acadêmico
<i>Modelos e contramodelos educativos femininos no teatro de Gil Vicente: potencialidades da Literatura na discussão de Gênero no Ensino de História Medieval</i>	Renata de Jesus Aragão Mendes	2021	Google Acadêmico
<i>Desafios e Perspectivas: o enfoque sobre o feminino medieval no Ensino Fundamental</i>	Mirtes Emília Pinheiro	2021	Google Acadêmico

<i>As mulheres medievais na sala de aula através do paradidático "Curiosas x Recatadas em Gil Vicente"</i>	Renata de Jesus Aragão Mendes e Adriana Zierer	2021	Google Acadêmico
--	--	------	------------------

2 Quadro 5 – Trabalhos selecionados para leitura e análise

(continua)

(continua)

Título	Autor(es/as)	Data de Publicação	Base
<i>O novo já nasce velho: a Idade Média pós- BNCC e a questão da Mulher Medieval nos livros didáticos de História do guia PNLD-2020</i>	Douglas Mota Xavier de Lima	2021	Google Acadêmico
<i>O mundo Ibero-Hispânico Medieval, Gênero e a Formação Docente: ausências e presenças em um livro didático de História no Brasil</i>	Marcelo Pereira Lima	2021	Guia Medieval
<i>Em busca do feminino: uma breve análise de livros didáticos de História do Ensino Médio</i>	Nicole Letícia Facioni e Denise da Silva Menezes do Nascimento	2021	Google Acadêmico
<i>Tecnologias de Gênero nas histórias a serem ensinadas: representações de Joana d'Arc nos livros didáticos de História (PNLD 2018)</i>	Rebecca Maria Queiroga Ribeiro	2020	Google Acadêmico e BDTD
<i>História Medieval nos livros didáticos pelas "lentes" da História das Mulheres e dos estudos de Gênero – notas iniciais de Pesquisa</i>	Rafaela Limberger e Gabriela Schwengber	2020	Google Acadêmico
<i>Gênero, Ensino de História e Medievalidades: (des)conexões com o passado</i>	Marcelo Pereira Lima	2019	Google Acadêmico,

			Guia Medieval e ABREM
<i>Uma análise da figura feminina na Idade Média nos livros didáticos do 7º ano</i>	Mirtes Emília Pinheiro	2019	Goog le Acad êmico
<i>A representação da mulher medieval nos livros didáticos: uma visão comparativa</i>	Marta de Carvalho Silveira	2017	Goog le Acad êmico

Como o propósito é redigir uma revisão de literatura, que, segundo Gil (2008), só pode ser realizada a partir de material já elaborado, isso nos permite identificar em qual estado se encontra atualmente nosso problema de pesquisa e quais são as opiniões predominantes sobre o assunto. Com isso, construiu-se a revisão a partir da leitura qualitativa das produções, que possibilita pensar seus sentidos (DIONNE; LAVILLE, 1999).

2 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES

Primeiramente, é importante comentar que a análise de cada uma das 13 produções segue duas etapas. Na primeira, apresentamos a metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho e na segunda, assinalamos o conceito de *gênero* utilizado em cada publicação.

Começando pelo texto *A História Medieval e a formação para a Alteridade: uma análise dos livros didáticos de História do PNLD 2020 para o Ensino Fundamental*, redigido por Kuszowski, em 2022, trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de licenciatura em História, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). O autor examina 11 manuais escolares indicados pelo Guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD): *Convergências*, *Estudar História*, *Escola e Democracia*, *História.doc*, *Teláris*, *Sociedade & Cidadania*, *Inspire*, *Geração Alpha*, *Historiar*, *Araribá Mais*, e *Vontade de Saber*

(KUSZKOWSKI, 2022). Cabe frisar que Kuskowski (2022) não analisa as mulheres medievais à luz dos estudos de gênero. Logo, não se prende a um conceito e nem se preocupa com uma definição teórica.

O próximo texto é “Pelo pão de cada dia: Mulheres Medievais, Trabalho e Ensino de História”, publicado, em 2022, por Trevisan, professora do Centro Universitário Internacional, e Xavier de Lima, professor adjunto da Universidade Federal do Oeste do Pará. O objetivo é discutir o trabalho feminino entre os séculos XIII e XVI no medievo e, a partir disso, propor atividades didáticas sobre o tema para o Ensino Fundamental II (TREVISAN; XAVIER DE LIMA, 2022).

No início do artigo, Trevisan e Xavier de Lima (2022) analisam o papel das mulheres no ambiente de trabalho na sociedade medieval, com informações acerca dos seus ofícios. Com isso, argumentam que, ao contrário do que se pensa, o trabalho na sociedade medieval não necessariamente partia de uma divisão de gênero, pois as mulheres desempenhavam funções fora do âmbito doméstico. Após essa reflexão, os autores propõem atividades didáticas para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, estruturadas em dois eixos temáticos: mulheres nos canteiros de obras; e o ofício de mulheres em Portugal Medieval, hostilidades e legislação régia.

O texto, embora trabalhe a questão do trabalho feminino a partir de uma lógica que contrapõem ambientes domésticos e públicos, assim como o feminino e o masculino, não se atém a expor sobre um esboço de uma definição de gênero, não citando assim nenhum arcabouço teórico específico para tratar do assunto.

O próximo texto a ser avaliado intitula-se “O novo já nasce velho: a Idade Média pós-BNCC e a questão da Mulher Medieval nos livros didáticos de História do guia PNLD-2020”. Publicado em 2021 por Xavier de Lima, o artigo apresenta uma análise de sete livros didáticos: *Araribá Mais-História*; *Convergências – História*; *Estudar História: das origens do Homem à era digital*; *Geração Alpha-História*; *História – Escola e Democracia*; *História, Sociedade e Cidadania*; *História.doc*; *Historiar*; *Inspire História*; *Teláris História*; *Vontade de Saber História*. O objetivo é problematizar possíveis mudanças de inserção e abordagem

de conteúdo impulsionadas pela BNCC no tocante às mulheres (XAVIER DE LIMA, 2021).

No final, ao investigar todos os livros didáticos, o autor conclui que o conceito gênero é dificilmente integrado aos manuais brasileiros. Apesar de não trazer uma definição do conceito de gênero, o autor pontua que, mesmo com a aprovação da BNCC e das iniciais mudanças que proveria sobre a integração das mulheres no medievo, observa-se uma narrativa prática do passado e uma leitura reducionista do sexo feminino (XAVIER DE LIMA, 2021).

O texto subsequente é “Modelos e contramodelos educativos femininos no teatro de Gil Vicente: potencialidades da Literatura na discussão de Gênero no Ensino de História Medieval”, fruto de uma dissertação apresentada, em 2021, ao Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pela pesquisadora Mendes. O estudo investiga os discursos de gênero existentes nos modelos e contramodelos educativos produzidos por Gil Vicente para as mulheres que viviam em Portugal nos séculos XV e XVI. Como fonte, a autora utiliza 13 autos da peça *Copilaçam*, divididas entre moralidades, farsas e comédias.

Para discutir gênero, Mendes (2021b, p. 16) se atém às perspectivas de Scott (1989) e Butler (2003). Com base na primeira teórica, entende o conceito como uma categoria de análise historicamente construída que desenha as relações de poder. Fundamentada na segunda, defende a desconstrução do binarismo sexo e gênero para a ampliação desses termos. Assim, a autora argumenta que “[...] ao falarmos de gênero em meio a um contexto de disputas por memórias, estamos buscando dar espaço às memórias silenciadas ou, no dizer de Pollak (1989, p. 4), às ‘memórias subterrâneas’”.

A partir de tal pesquisa, a autora desenvolveu outro trabalho, intitulado “As mulheres medievais na sala de aula através do paradidático “Curiosas x Recatadas” em Gil Vicente”. Trata-se de um paradidático sobre os temas de educação feminina, casamento e famílias medievais segundo as peças de Gil Vicente. Voltado para os estudantes e com uma linguagem acessível, Mendes

(2021a) traz ao conhecimento dos alunos trechos das peças de Gil Vicente com personagens femininas da Idade Média que superam as narrativas do senso comum.

Ademais, Mendes (2021a) cria um Glossário com o significado de alguns conceitos, por vezes, estranhos aos discentes. Dentre eles, estão “misoginia”, “machismo”, “sexismo”, “patriarcado” e “gênero”. No caso do último, por exemplo, define-o como “[...] categoria conceitual que serve para pensar a construção cultural dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, com base na distinção entre os sexos” (MENDES, 2021a, p. 9). Essa definição é complementada:

Você sabe o que são relações de gênero? Antes de entendê-la, é preciso compreender o próprio gênero. A definição de gênero possui diversos significados, mas, abaixo citamos os principais: construção histórica de papéis sociais, baseada nas diferenças sexuais; forma como se organiza as relações entre homens e mulheres em sociedade; padrões distintos que foram cultural e socialmente estabelecidos para homens e mulheres; forma de se entender as relações de poder na sociedade, que levam as desigualdades, violências e demais conflitos entre homens e mulheres (MENDES, 2021a, p. 26).

Seguindo esse caminho de análise de livros didáticos, temos o texto “O mundo Ibero-Hispânico Medieval, Gênero e a Formação Docente: ausências e presenças em um livro didático de História no Brasil”, publicado, em 2021, pelo pesquisador Marcelo Pereira Lima. O objetivo do artigo é avaliar o manual escolar *Araribá Mais-História*, verificando o número de imagens e textos que representam o mundo hispânico medieval sob o conceito de gênero. Nesse sentido, o autor percebe que há uma priorização de fontes da historiografia tradicional, sendo ignoradas, exceto raras exceções, fontes da historiografia brasileira, portuguesa e espanhola (PEREIRA LIMA, 2021).

No tocante à temática de gênero, Marcelo Pereira Lima (2021), nota que a expressão comumente usada é “papéis sociais das mulheres”, a qual aparece em sentenças simplistas, cristalizadas e dicotômicas que não expressam a pluralidade da realidade em que estavam inseridas. Talvez, isso seja uma decorrência do que ele, usando a perspectiva de gênero de Scott (1989), defende

ser “uma orientação teórico-metodológica e epistemológica que não discute o aprofundamento dos debates feministas da igualdade e da diferença entre homens e mulheres ou intra-gêneros” (PEREIRA LIMA, 2021, p. 669).

O próximo texto é “Gênero, ensino de História e Medievalidades: (des)conexões com o passado”, publicado, em 2019, também pelo pesquisador Marcelo Pereira Lima. Divide-se em duas seções: a primeira destinada à apresentação da teoria do neomedievalismo e de sua ligação com a medievalística a partir das produções brasileiras, e a segunda voltada à análise do filme *A bela adormecida*, junto às coletâneas de *Cinderela* e *Branca de Neve e os Sete Anões* (PEREIRA LIMA, 2019).

Para pensar gênero, Pereira Lima (2019) se baseia nas postulações de Silva (2004) e em seu próprio artigo escrito em 2018. Partindo disso, entende gênero como

[...] fenômeno histórico e como perspectiva reflexiva. Ele tem dimensões e efetividades em configurações descritivas, analíticas, heurísticas e paradigmáticas. O que significa dizer que a perspectiva de gênero está orientada para problematizar os determinismos biológicos, as convencionalidades sobre as desconexões entre sexos, sexualidades, sujeitos e corpos. É objeto dos estudos de gênero o questionamento das formas em que se concebe as substancialidades das noções homem, mulher, homens, mulheres, feminino, masculino, masculinidades, feminilidades ou outras configurações binárias ou não (PEREIRA LIMA, 2019, p. 160).

Em síntese, o autor defende como positivo o uso do cinema em sala de aula, para problematizar as questões de gênero na Idade Média. Afinal, trata-se de um recurso didático-pedagógico que pode ajudar os professores a superarem a dificuldade de articular os suportes midiáticos no medievo ou em outras temporalidades (PEREIRA LIMA, 2019, p.193).

O texto subsequente é “Desafios e Perspectivas: o enfoque sobre o feminino medieval no Ensino Fundamental”, publicado, em 2019, por Pinheiro, doutora em Estudos Clássicos e Medievais, e professora de História da rede pública em Contagem (MG). O artigo analisa seis livros didáticos: *Estudar História, das origens do Homem à era digital*; *Araribá Mais-História*; *História*; *Convergências História*; *História – Sociedade & Cidadania*; e *Vontade de saber*.

Para tanto, a autora não se apoia em uma definição específica de gênero, embora conceitue patriarcado, matriarcado e submissão feminina, criando paralelos entre a sociedade medieval e os dias atuais (PINHEIRO, 2019).

O texto subsequente intitula-se “Uma análise da figura feminina na Idade Média nos livros didáticos do 7º ano”, e foi elaborado, em 2019, por Pinheiro. O objetivo é analisar a representação da figura feminina no período medieval nos livros didáticos após a implementação do PNLD, em 2015. Foram selecionados quatro manuais escolares: *Teláris*; *Projeto Apoema – História*; *História, Sociedade & Cidadania*; e *História nos dias de hoje* (PINHEIRO, 2019). Vale pontuar que a autora, ao longo da análise dos livros, não se detém a uma definição de gênero.

Outra publicação é o texto “Em busca do feminino: uma breve análise de livros didáticos de História do Ensino Médio”, lançada em 2021, com os resultados de uma Iniciação Científica realizada por Facioni e supervisionada por Nascimento, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O propósito foi examinar dois livros didáticos: *Caminhos do Homem, das origens da humanidade à construção do Mundo Moderno*; e *História das cavernas ao terceiro milênio*, ambos de 2016. Para tanto, as autoras se embasam no conceito de gênero formulado por Scott (1989) e Perrot (1995), frisando a importância de entendê-lo a partir de uma lógica de poder desenhada pelas relações sociais. Também pontuam o papel do conceito para a História Medieval estudada na contemporaneidade, devendo “[...] fazer correlações entre ações de mulheres no passado e debatê-las nos dias atuais” (FACIONI; NASCIMENTO, 2021, p. 3)

O próximo texto é “Tecnologias de gênero nas histórias a serem ensinadas: representações de Joana d’Arc nos livros didáticos de História (PNLD 2018)”, dissertação defendida, em 2020, pela pesquisadora Ribeiro, da Universidade de Brasília (UnB). A autora se propõe a analisar três livros didáticos aprovados pelo PNLD em 2018: *História, Sociedade & Cidadania*; *#Contato História*; e *Olhares da História – Brasil e Mundo*. O objetivo é entender como são construídas as narrativas sobre Joana d’Arc na Guerra dos Cem Anos. Inserida em um imaginário social medieval envolto nos olhares feministas contemporâneos que a tomam

como exemplo de subversão, a autora indaga: “qual o lugar de Joana d’Arc na cultura histórica brasileira?” (RIBEIRO, 2020, p. 12).

A fim de responder, Ribeiro se apropria do conceito de gênero, à luz das proposições de Lauretirs (1994). A partir dela, entende o termo como ferramenta cultural e discursiva, articulada simultaneamente com a raça, a classe, a região, a religião e outros marcadores de diferença social. Nesse sentido, insere Joana d’Arc em uma “[...] perspectiva de visibilidade da diversidade e pluralidade do ser mulher na história [...]” (RIBEIRO, 2020, p. 14).

O texto subsequente é “História Medieval nos livros didáticos pelas “lentes” da História das Mulheres e dos estudos de gênero – notas iniciais de pesquisa”, elaborado, em 2020, pelas pesquisadoras Limberger, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), e Schwengber, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). O objetivo é estudar a representação das mulheres medievais em cinco livros didáticos, propondo uma aplicação do conceito de gênero, no mundo medieval, dentro da sala de aula. As coleções escolhidas foram as utilizadas pelas autoras durante o período de estágio em suas graduações, e mesclam obras do Ensino Fundamental e Médio. São elas: *Jornadas.hist*; *História Hoje*; *História Volume Único* (2008); *História Sempre Presente*; e *História em Movimento vol. 1* (LIMBERGER; SCHWENGBER, 2020).

As avaliações dos manuais escolares foram realizadas a partir das formulações de gênero propostas por Scott (1989), Thébaud, Perrot e Duby (1990), Le Goff (1983), Silveira (2017) e Macedo (1990). Ao se embasarem em tais concepções, Limberger e Schwengber (2020, p. 136) pontuam que

[...] o período dito “obscuro” da História trouxe acontecimentos que compunham uma sociedade complexa. Apesar das mulheres medievais estarem em situação de desigualdade em relação aos homens, ainda existiam exceções e capacidade de agências. Se tais perspectivas fossem abordadas com os discentes, propiciaria afirmações de que o período não fora “obscuro”, e sim, constitui-se como um dos grandes precursores em questões contemporâneas.

A última publicação a ser analisada intitula-se “A representação da mulher medieval nos livros didáticos: uma visão comparativa”, produzida, em 2017, pela

pesquisadora Silveira, vinculada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e à Universidade Estácio de Sá. O objetivo é discutir as questões de gênero nos livros didáticos que trazem conteúdos sobre a Idade Média. Para tanto, a autora se debruça sobre seis livros didáticos do Ensino Fundamental: *História nos dias de hoje*; *Estudar História, das origens do Homem à era digital*; *Historia.doc*; *Historiar*; *Projeto Mosaico*; *História*; e *Jornada.hist*. Ela os examina por meio dos preceitos de gênero sustentados por Scott (1990) e Perrot (2005), entendendo que a ampliação do uso de fontes pela Escola dos *Annales* e pelo Marxismo, assim como a organização dos movimentos feministas, trouxe as mulheres para o centro das atenções (SILVEIRA, 2017). Assim, declara:

Mais do que pensar o papel social das mulheres, os estudos de gênero se preocupam em analisar o uso que as instituições, os governos e a própria sociedade de forma geral fazem do discurso acerca da dualidade sexual para estabelecer instrumentos de dominação sobre os indivíduos, circunscrevendo-os em uma esfera de poder, entendido no sentido amplo e não exclusivamente estatal (SILVEIRA, 2017, p. 93).

3 GÊNERO COMO CATEGORIA HISTÓRICA

Ao longo deste trabalho, concentraremos nossa atenção na análise de 13 produções acadêmicas selecionadas a partir de descritores lançados em algumas bases de dados existentes. Acreditamos que investigar as publicações que debatem gênero no ensino de História Medieval é uma forma de analisar como os autores se posicionam frente a um terreno ainda muito pouco consolidado.

Consideramos que inserir as questões de gênero nos currículos escolares é fomentar a construção de saberes históricos plurais. Por isso, julgamos que desconstruir as concepções de gênero fortalecedoras de desigualdades sociais é crucial para ampliarmos a visão dos estudantes sobre as diversas formas de atuação das mulheres ao longo da história, superando, assim, os determinismos biológicos que limitam a compreensão das trajetórias femininas na História.

Posto isso, vejamos então como se desenha a concepção de gênero nos trabalhos analisados sobre o ensino de História Medieval. Verificamos que três produções não usam o conceito gênero, sendo elas: "A História Medieval e a formação para a alteridade: uma análise dos livros didáticos de História do PNLD

2020 para o Ensino Fundamental”; “Pelo pão de cada dia: mulheres medievais, trabalho e ensino de História”; e “Uma análise da figura feminina na Idade Média nos livros didáticos do 7º ano”. Ainda constatamos que três delas citam o termo gênero, mas não o definem: “As mulheres medievais na sala de aula através do paradidático “Curiosas x Recatadas” em Gil Vicente”; “O novo já nasce velho: a Idade Média pós-BNCC e a questão da mulher medieval nos livros didáticos de História do Guia PNLD-2020”; e “Desafios e Perspectivas: o enfoque sobre o feminino medieval no Ensino Fundamental”.

Os estudos de gênero são mencionados como ferramenta teórica e analítica em apenas sete produções. São elas: “Modelos e contramodelos educativos femininos no teatro de Gil Vicente: potencialidades da literatura na discussão de gênero no ensino de História Medieval”¹; “O mundo ibero-hispânico medieval, gênero e a formação docente: ausências e presenças em um livro didático de História no Brasil”; “Em busca do feminino: uma breve análise de livros didáticos de História do Ensino Médio”; “Tecnologias de gênero nas histórias a serem ensinadas: representações de Joana d’Arc nos livros didáticos de História (PNLD 2018)”; “História Medieval nos livros didáticos pelas “lentes” da história das mulheres e dos estudos de gênero – notas iniciais de pesquisa”; “Gênero, ensino de História e Medievalidades: (des)conexões com o passado”; e “A representação da mulher medieval nos livros didáticos: uma visão comparativa”.

Dentre os teóricos evocados para a definição do conceito, notamos uma paridade singular em 70% das produções examinadas. Exceto os textos “Tecnologias de gênero nas histórias a serem ensinadas: representações de Joana d’Arc nos livros didáticos de História (PNLD 2018)” e “Gênero, ensino de História e Medievalidades: (des)conexões com o passado”, todos os outros cinco utilizam, pelo menos o conceito formulado pela historiadora Scott (1989).

Sendo assim, nos instiga saber: qual o entendimento da autora sobre gênero? Scott (1989, p. 2-3) define o termo:

No seu uso recente mais simples, “Gênero” é sinônimo de “mulheres”. Durante os últimos anos, livros e artigos que tinham como tema a

história das mulheres, substituíram em seus títulos o termo “mulheres” pelo termo “Gênero”. Em alguns casos, este uso, ainda que se referindo vagamente a certos conceitos analíticos, trata realmente da aceitabilidade política desse campo de pesquisa. Nessas circunstâncias, o uso do termo “Gênero” visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho, pois “Gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”. O Gênero parece integrar-se à terminologia científica das ciências sociais e, por consequência, dissociar-se da política (pretensamente escandalosa) do feminismo.

Pensar em uma definição fixa da palavra “gênero” é uma “causa perdida”, alega Scott (1989, p. 2). Isso porque a gramática não é capaz de atribuir um código fixo, sem deixar de explorar outras facetas atribuídas pela imaginação humana. A grande questão apontada pela autora é a limitação teórica, que muito mais se preocupa em definir e/ou descrever do que em traçar análises que se preocupem com “[...] a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais” (SCOTT, 1989, p. 2).

Por isso, a substituição do termo “mulheres” por “gênero” foi tão importante e revelou a busca por legitimidade acadêmica, erudição e reconhecimento da seriedade do objeto de pesquisa. Com tal mudança, narrar a história das “mulheres” passou a ser, de fato, uma prática revolucionária. Além de nomearmos esses sujeitos – ignorados nos livros didáticos dentro do período medieval –, também marcamos uma posição política frente ao campo de pesquisa histórica. Afinal, por muito tempo, estudar a história das mulheres foi sinônimo de estudar as relações familiares e domésticas.

Para Scott (1989, p. 7), são reducionistas e binárias as teorias mais conhecidas que se propõem a pensar gênero como categoria útil para análise histórica, como as formuladas a partir das origens do patriarcado, de uma tradição marxista ou, ainda, as postuladas pelas escolas de psicanálise. Isso pois tendem a universalizar as relações entre homens e mulheres e preterir análises subjetivas que incorporem as relações sociais, gerando “uma leitura redutora dos dados do passado”. Dessa forma, a autora propõe um primeiro esboço de definição, para utilizar o gênero fora de tal lógica reducionista: refletir sobre o conceito a partir da sua integração com as relações de poder vigentes, que engendram políticas de controle do corpo sexuado.

No âmbito escolar, a ligação entre gênero e poder é bastante evidente e forte, uma vez que o currículo depreende de um projeto político não neutro. Por tal motivo, Scott (1989) enfatiza a necessidade dos estudiosos desenvolverem uma nova história das mulheres, que ofereça novas perspectivas a antigas questões, evidenciando, por exemplo, análises sobre a família e a sexualidade, dentro da economia e da guerra. Essa mudança de olhar contribui com o processo de ampliação da visibilidade das mulheres, fazendo-as se enxergarem e se reconhecerem na História.

Em relação as outras duas obras que não utilizam Scott (1989) como teórica para conceituar gênero, suas escolhas podem ser explicadas pelos objetivos de suas produções. A dissertação de Ribeiro (2020), "Tecnologias de gênero nas histórias a serem ensinadas: representações de Joana d'Arc nos livros didáticos de História (PNLD 2018)" utiliza o conceito segundo o dispositivo de "tecnologias de gênero" da teórica Lauretis (1994). O dispositivo lhe é útil, pois se articula com o livro didático, fonte de análise da representação de Joana D'Arc.

Afinal, partimos aqui do princípio de que os livros didáticos constituem importantes "tecnologias de gênero" (LAURETIS, 1994) que indicam modos de ser e estar em sociedade para homens e mulheres, engendrando modelos e referenciais sobre feminilidades e masculinidades, como parte de nossas experiências no tempo. Ao produzir sentidos e significados para as atuações de homens e mulheres no passado, as representações históricas difusas nos livros didáticos têm um caráter formativo e pedagógico, servindo aos interesses educacionais de formação das identidades e práticas sociais no tempo presente (RIBEIRO, 2020, p. 12).

Já no texto de Marcelo Pereira Lima (2019), intitulado "Gênero, ensino de História e Medievalidades: (des)conexões com o passado", vemos uma definição de gênero construída também a partir das especificidades do seu artigo. O autor, a fim de entender as implicações de gênero sobre o mundo cinematográfico, usa o neomedievalismo como diretriz da prática discursiva do ensino de História, orientada em um espaço-tempo. Logo, ele não pensa termo de uma forma exclusivamente histórica, mas a partir dos estudos de medievalidades. Por isso, sua escolha de referencial teórico é orientada por trabalhos que realizam tal abordagem. Nesse sentido, se pauta nas postulações da professora Frazão, em

especial nos textos “Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil” e “Fazendo gênero na medievalística: entrevista com Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva”. Pereira Lima também se utiliza do seu próprio texto Estudos de Gênero e História: transversalidades (PEREIRA LIMA, 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findada a análise das produções acadêmicas, algumas observações se fazem necessárias. Em primeiro lugar, identificamos que, após a aprovação da BNCC, em 2017, houve uma reorientação da produção de livros didáticos no Brasil e um aumento das publicações científicas que discutiam ensino de História Medieval e gênero. Esse aumento foi percebido (e investigado) em nosso trabalho, pois realizamos o levantamento bibliográfico e encontramos 13 obras publicadas logo após a divulgação da BNCC.

Em segundo lugar, entendemos que existe uma paridade interessantíssima na escolha da definição de gênero por parte dos autores. Devido ao fato de que, dentre as produções que definem gênero, 70% ter base nas concepções de Scott (1989), questionamo-nos: o que significa ter o conceito de gênero formulado por tal autora junto ao ensino de História Medieval? A nosso ver, é pensar gênero como elemento de análise histórica ligado às instituições de poderes balizadoras de uma sociedade. A definição da autora remete ao gênero como constituinte das modulações sociais, sendo econômicas, domésticas ou políticas. Outro significado do uso constante de Scott (1989) é a possível falta de novos trabalhos sobre gênero com rigor teórico-metodológico para a Idade Média (JESUS, 2017).

Assim, compreendemos que as publicações nos revelam a importância de pensarmos sobre a recente articulação entre o ensino de História Medieval e as questões de gênero, assim como pensar em possibilidade de conciliar a erudição alcançada pela medievalística no país com uma inserção social mais efetiva nos livros didáticos. Por fim, uma questão fica bastante evidente:

Importa para o ensino de História e para o ensino de Idade Média não apenas refletir sobre o conhecimento do medievo em si e por si, mas sim, para percebemos o quanto esse conhecimento possui significado para nós no presente (bem como quais significados possui) e para as

questões que vivemos no presente. Devemos analisar o quanto esse conhecimento pode nos ajudar a pensar e a construir caminhos mais dignos, justos e éticos para homens e mulheres de agora e de amanhã. Nesse caminhar, o ensino é uma chave fundamental (XAVIER DE LIMA; TREVISAN, 2022, p. 53).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

DIONNE, J.; LAVILLE, C. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas.** Tradução de Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

ELLIOTT, A. B. R. **Medievalism, Politics and Mass Media:** Appropriating the Middle Ages in the Twenty-First Century. Woodbridge: D.S. Brewer, 2017.

FACIONI, N. L.; NASCIMENTO, D. da S. M. do N. Em busca do feminino: uma breve análise de livros didáticos de História do Ensino Médio. **Principia:** Caminhos da Iniciação Científica, Juiz de Fora, v. 21, n. 11, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34019/2179-3700.2021.v21.34065>.

GIACOMONI, M. P. Possíveis Passados: representações da Idade Média no ensino de História. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 25., Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: ANPUH, 2009. p. 1-5.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. GUERRA, L. F. A.; TEMPONI, E. M. Medievalismo: uma breve introdução. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 492-496, 2019.

JESUS, C. C. de. **Idade Média e teoria Contemporânea:** os estudos de gênero nas dissertações e teses de História Medieval nas Universidades brasileiras (2000-2015). 2017. Projeto de Pesquisa (Graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2017.

KUSZKOWSKI, J. J. **A História Medieval e a formação para a alteridade:** uma análise dos livros didáticos de história do PNLD 2020 para o Ensino Fundamental. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal da Fronteira do Sul, Chapecó, 2022.

LIMBERGER, R.; SCHWENGBER, G. História Medieval nos livros didáticos pelas “lentes” da história das mulheres e dos estudos de gênero – notas iniciais de pesquisa. **Formação de Professores em Revista**, Taquara, v. 1, n. 1, p. 132-146, 2020.

- MENDES, R. de J. A. **Curiosas x Recatadas em Gil Vicente**: as mulheres e sua Educação na época tardo-medieval. São Luís: PPGHIST UEMA, 2021A.
- MENDES, R. de J. A. **Modelos e Contramodelos Educativos Femininos no Teatro de Gil Vicente**: potencialidades da Literatura na discussão de gênero no ensino de História Medieval. 2021B. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2021.
- PEREIRA LIMA, M. Gênero, Ensino de História e Medievalidades: (des)conexões com o passado. *Signum – Revista da ABREM*, v. 20, p. 148-193, 2019.
- PEREIRA, N. M. Ensino de História, Medievalismo e Etnocentrismo. *Historiæ*, Rio Grande, v. 3, n. 3, p. 223-238, 2012.
- PEREIRA, N. M.; GIACOMONI, M. P. **Possíveis passados: representações da Idade Média no ensino de História**. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- PINHEIRO, M. E. Desafios e Perspectivas: o enfoque sobre o feminino medieval no Ensino Fundamental. In: VIANNA, L. (org.). **A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na Educação Básica no século XXI**: experiências nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: Autografia, 2021. p. 19-50.
- PINHEIRO, M. E. Uma análise da figura feminina na Idade Média nos livros didáticos do 7º ano. In: **ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS**, 13., Salvador. Anais [...]. Salvador: UFBA, 2020. p. 485-501.
- RIBEIRO, R. M. Q. **Tecnologias de gênero nas histórias a serem ensinadas**: representações de Joana d'Arc nos livros didáticos de História (PNLD 2018). 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- SCOTT, J. Gender: **A Useful Category of Historical Analysis**. *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press, 1989.
- SILVEIRA, M. de C. A representação da mulher medieval nos livros didáticos: uma visão comparativa. *Revista História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 80-107, 2017.
- TREVISAN, M. B.; XAVIER DE LIMA, D. M. Pelo pão de cada dia: mulheres medievais, trabalho e ensino de História. Ponta de Lança: **Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 16, n. 30, p. 34-55, 2022.
- XAVIER DE LIMA, D. M. Uma história contestada: a História Medieval na Base Nacional Comum Curricular (2015-2017). *Anos 90*, Porto Alegre, v. 26, p. 1-21, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.87750>.

XAVIER DE LIMA, D. M. A Idade Média nos livros didáticos. In: VIANNA, L. J. (org.). **A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na Educação Básica no século XXI**: experiências nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: Autografia, 2021a. p. 394 - 415.

XAVIER DE LIMA, D. M. O novo já nasce velho: a Idade Média pós-BNCC e a questão da mulher medieval nos livros didáticos do Guia PNLD-2020. **Brathair**, São Luís, v. 21, n. 1, p. 216-245, 2021b. DOI: <https://doi.org/10.18817/brathair.v1i21.2465>.

ZABARTO, J. A. M. As estratégias do uso do gênero no ensino de História: narrativa histórica e formação de professoras. **Revista Trilhas da História**, Três Lagoas, v. 4, n. 8, p. 49-65, 2015.